



MOUGIN, Mathilde Noëlle. Reinventar as comunidades dentro da narrativa de sua crise: *Blanche ou l'oubli*, de Aragon (1967); *Horcynus Orca*, de Stefano d'Arrigo (1975) e *Heimatismuseum*, de Siegfried Lenz (1978). Tradução Renata de Castro. In: **Revista Épicas**. Ano 2, N. 4, Dez 2018, p. 1-21. ISSN 2527-080-X.

**REINVENTAR AS COMUNIDADES DENTRO DA NARRATIVA DE SUA CRISE:
BLANCHE OU L'OUBLI, DE ARAGON (1967); *HORCYNUS ORCA*, DE STEFANO D'ARRIGO
(1975) E *HEIMATMUSEUM*, DE SIEGFRIED LENZ (1978)**

**REINVENTER LES COMMUNAUTES DANS LE RECIT DE LEUR CRISE :
BLANCHE OU L'OUBLI, D'ARAGON (1967), *HORCYNUS ORCA*, DE STEFANO D'ARRIGO
(1975) ET *HEIMATMUSEUM*, DE SIEGFRIED LENZ (1978)**

Mathilde Noëlle Mougin¹
Universidade Grenoble Alpes

RESUMO: Na segunda metade do século XX, a Europa passa por grandes agitações, implicando uma revisão das modalidades de pertencimento a um lugar e a uma comunidade. Essa crise política encontra-se no coração de *Blanche ou l'oubli*, de Aragon (1967), *Horcynus Orca*, de Stefano d'Arrigo (1975) e *Heimatismuseum*, de Siegfried Lenz (1978). Os três romances podem ser classificados como épicos, a medida que suas narrativas trabalham na invenção de uma solução. De fato, ao longo de suas longas narrativas, eles se libertam de ideias preconcebidas: no confronto e na manutenção de diversos pontos de vistas antinômicos, elabora-se uma nova concepção da comunidade e sua ligação com o território.

Palavras-chave: *Blanche ou l'oubli*; *Horcynus Orca*; *Heimatismuseum*; romance épico.

¹ Ex-aluna do ENS de Lyon e associada de letras clássicas, Mathilde Mougin é doutoranda em Literatura Comparada na Universidade de Grenoble-Alpes. Trabalha no UMR Litt&Arts, sob a direção de Florence Goyet. Está redigindo a tese intitulada « A reinvenção do lar: polifonia e trabalho épico em *Blanche ou l'oubli*, de Aragon; *Horcynus Orca*, de Stefano d'Arrigo e *Heimatismuseum*, de Siegfried Lenz ». Ela coloca à prova a categoria 'trabalho épico', a fim de determinar em que medida uma solução para crise política está sendo inventada na polifonia narrativa dos três romances. Ela também traduziu artigos de pesquisa do italiano para o francês.

RESUME : Dans la seconde moitié du XXe siècle, l'Europe connaît de grands bouleversements qui impliquent de repenser les modalités d'appartenance à un lieu et à une communauté. Cette crise politique se trouve au cœur de *Blanche ou l'oubli*, d'Aragon (1967), *Horcynus Orca*, de Stefano d'Arrigo (1975) et *Heimatumuseum*, de Siegfried Lenz (1978). Les trois romans peuvent être qualifiés d'épiques en ce que leur narration travaille à l'invention d'une solution. Au fil de leur long récit, ils se libèrent en effet des idées préconçues : dans la confrontation et le maintien de plusieurs points de vue antinomiques s'élabore alors une conception nouvelle de la communauté et de son lien avec le territoire.

Mots-clés : . *Blanche ou l'oubli*; *Horcynus Orca*; *Heimatumuseum*; roman épique.

Introdução

Religiosa, amorosa, política: a comunidade se define como “tudo aquilo que é seguro, íntimo, que vive exclusivamente junto”². Grupo de indivíduos que formam um conjunto e se organiza em torno de um denominador comum que o estrutura e, em seu seio, motiva as relações entre seus membros.

Interessa-nos neste artigo a comunidade como lar, em especial aquela formada em torno do sentimento de pertencimento à terra natal. Na segunda metade do século XX, a lembrança dos desvios do nacionalismo, as migrações e a aceleração dos meios de comunicação com as mídias de massa dificultam a percepção da ligação do indivíduo com seu território. O caráter problemático do mito do autóctone na Europa coloca em questão as “comunidades da terra”. A possibilidade de uma comunidade transnacional proposta pelo modelo comunista é igualmente contestada durante a revelação dos crimes de Stalin em 1956.

É dessa crise europeia que trata Aragon, Stefano d'Arrigo e Siegfried Lenz em *Blanche ou l'oubli* (1967), *Horcynus Orca* (1975) e *Heimatumuseum* (1978). Os três romances problematizam os conflitos que ameaçam a coesão das comunidades: no centro da narração, o confronto de diversas vozes dissonantes constitui uma ferramenta com a qual o texto literário trabalha uma reflexão sobre a crise. Deslocando as categorias genéricas habituais, colocaremos os três romances à prova da categoria trabalho épico desenvolvida por Florence Goyet³, para estudar o fato de esses romances não operarem em favor da ruptura de consciências individuais, mas sim em favor de sua junção no centro de um novo modelo político criado na e para a narrativa⁴.

² Ver DUBAR, Claude. *La socialisation : Construction des identités sociales et professionnelles* [2000]. Paris : Armand Colin, 2010. O autor explica a oposição feita por Ferdinand Tönnies em *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887) entre comunidade, *Gemeinschaft* (indivíduos que se « mantêm ligados apesar de qualquer separação») e sociedade, *Gesellschaft* (indivíduos são « separados, apesar de qualquer ligação»).

³ GOYET, Florence. L'épopée refondatrice: extension et déplacement du concept d'épopée. In : *Le Recueil Ouvert* [online], ver bibliografia.

⁴ VINCLAIR, Pierre. *De l'épopée et du roman : Essai d'énergétique comparée*. Rennes : Presses Universitaires, 2015.

1. A narrativa da comunidade em crise

Blanche ou l'oubli, *Heimatmuseum* e *Horcynus Orca*⁵ contam a história de comunidades triplamente ameaçadas de destruição pela violência da guerra, pela relação de força entre sua identidade particular e sua incorporação em uma estrutura estatal dominante e, finalmente, pelas tensões internas que as perpassam.

A) A invasão e o desenraizamento

As invasões estrangeiras constituem o primeiro fator de crise. Nos três romances, a guerra causa a perda violenta da terra natal: esta expropriação se traduz de maneira concreta no exílio ou na tomada e na perda de autonomia política. Arrancadas de seu mundo cotidiano, as comunidades encontram-se assim confrontadas com a destruição da ordem que lhes era constitutiva.

A perda do lar, um dos principais temas de *Blanche ou l'oubli*, é abordada no romance por meio de uma série de anedotas que funcionam no plano semântico como metonímias. A narrativa da debandada de 1940, por exemplo, condensa de forma poderosa o motivo do desenraizamento: obrigados a abandonar o asilo para escapar do exército alemão, os antigos internos fugiam por estradas da França em uma longa e patética fila desorganizada⁶. A descrição desse cortejo desestabilizado é articulada com o entrelaçamento de lembranças que evocam a colonização da Indonésia, a Grécia otomana e suas lutas pela independência. Assim, as memórias do narrador desempenham o papel de um fio vermelho em torno do qual o autor constrói uma densa rede de referências que remetem às conquistas dos impérios em expansão e ao sofrimento de populações que não são mais senhoras de seus lares.

A expropriação do território acontece em sentido figurado em *Horcynus Orca*: os habitantes do Estreito de Messina não perdem a cidade em sua materialidade, mas são privados de sua autonomia política. Os exércitos do Eixo e da Aliança⁷, interditando o acesso ao mar e

⁵ Os extratos das obras apresentados no decorrer do texto são de autoria da tradutora do artigo, Renata de Castro. Não há versão em português dessas obras.

⁶ “O que são aquelas pessoas, um grupo de velhos? Não todos. Há jovens. De repente, todos se põem a correr, depois param ou tentam se dispersar, enquanto as enfermeiras e alguns cuidadores, do tipo que o pescoço marca a nuca, vão à direita, à esquerda, pegam seu bando. Aviões passam no alto, não se ocupam de nós, têm provavelmente missões em outros lugares, mas esse rebanho humano grita de pavor e se aperta [...] É uma casa de loucos, ao sul de Orléans, que foi evacuada dessa forma pelas estradas da França”. *Blanche ou l'oubli*, p. 122-123

⁷ O controle da Sicília, ponto de intercâmbio entre o continente africano e a península italiana, é uma das principais questões estratégicas do confronto entre as forças do Eixo e as da Aliança. A ilha é o palco de operações militares decisivas; inicialmente ocupada pelas tropas alemãs, para defenderem suas posições. Em seguida, a ilha foi invadida pelos ingleses e pelos americanos durante a operação Husky, quando os Aliados desembarcaram na Sicília, em 10 de

confiscando os barcos, privam os aldeões de seu poder de decisão e de seu trabalho. Essa mudança tem as mesmas consequências violentas que um desenraizamento da comunidade. De repente, o cotidiano encontra-se perturbado de tal forma que o curso normal dos acontecimentos se inverte⁸. O movimento antitético do pescador deixar o barco para montar o cavalo, demonstra bem a progressiva desnaturalização dos habitantes durante a invasão das tropas estrangeiras.

Na Masúria, a guerra é um componente do cotidiano: região fronteiriça⁹, sua identidade é construída a partir de uma sucessão de invasões. No entanto, a política ofensiva de germanização realizada sob o III Reich é de tal dimensão que ela quebra o equilíbrio cultural do território e impossibilita qualquer coabitação ulterior das culturas eslavas e germânicas. Assim que o exército russo apoderou-se da Masúria em 1945, a população alemã foi obrigada a se exilar. O naufrágio no mar Báltico de um navio carregado de objetos tradicionais da Masúria¹⁰ simboliza o aspecto grave e irremediável da perda da terra natal. Os masúrios alemães formam na Alemanha do oeste uma comunidade sem terra, no exílio em um país que os acolheu, onde compartilham a língua e a nacionalidade, mas que não é sua paisagem natal.

B) Tensões políticas e linguísticas

Ocorre outro conflito na problemática articulação de identidades regionais com uma entidade política dominante. Tomemos como exemplo as políticas linguísticas implementadas em nível nacional na Alemanha e na Itália. A formação tardia dessas nações impôs um trabalho de unificação do território para criar no centro da desigual variedade de regiões a ideia de pertencimento de uma mesma identidade nacional¹¹. As políticas linguísticas desempenham um

julho de 1943. Esse evento marca o início do recuo das forças do Eixo na Itália e resulta na assinatura do armistício em 08 de setembro de 1943.

⁸ "Quel pescatore, tanto per dirne uno, che si dichiarò ormai per sempre sceso di barca e salito a cavallo [...]." *Horcynus Orca*, p. 74.

"*Esse pescador, para citar um, que agora se declarava para sempre longe do barco e a cavalo [...]*". Tradução nossa, aqui e em todas as citações de *Horcynus Orca*.

⁹ Conquistada pelos poloneses no século XIII, a Masúria fez parte da antiga Prússia Oriental antes de se tornar, em 1945, uma região do nordeste da Polônia atual.

¹⁰ "Siehst du: was da unterging und starb, war nicht allein die Hälfte unseres Lucknower Trecks, es war ein Teil von Lucknow selbst, von seiner Vergangenheit und Eigenart, und in jenem Augenblick wußten wir instinktiv, daß, selbst wenn uns dereinst eine Rückkehr erlaubt werden sollte, Lucknow niemals mehr das für uns werden könnte, was es einmal war." *Heimatmuseum*, p. 692.

"Vê: o que afundou e morreu não foi apenas a metade de nosso comboio de Lucknow, foi uma parte mesmo de Lucknow, de seu passado e de sua especificidade, e nós sabemos indistintamente neste momento preciso que, mesmo se pudermos voltar para lá, Lucknow não poderá ser jamais para nós o que já foi um dia.

¹¹ Para o caráter imaginário da necessidade de símbolos para se apropriar, ver ANDERSON, Benedict *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983.

papel central nesse esforço¹². “A língua é mais que o sangue”¹³: ela estrutura poderosamente o imaginário das comunidades e constitui um grande desafio social.

Em *Horcynus Orca*, a controvérsia sobre a forma de nomear os golfinhos ilustra a implicação profunda entre a língua e as representações: os pescadores do Estreito, que consideram o animal como uma besta viciada, chamam-no de *fera*¹⁴, ao passo que os italianos continentais, que o veem como um animal brincalhão, chamam-no golfinho, *delfino*¹⁵. Os dois imaginários confrontam-se em seu antagonismo no diálogo entre o pai do herói ‘Ndrja e um general facista:

“Come avete detto che lo chiamate il delfino ?” aveva ridomandato, giocherellando sempre col moschetto.

“Delfino” dovette dire suo padre, tirandosi il paro e lo sparo.

[...]

“Delfino” andava recitando l’Eccellenza, bordeggiando il moschetto fra le mani.

“Delfino” andava ripetendo dietro a lui, assoggettatamente, Caitanello Cambri, con la faccia come se le parole lo pungessero peggio che lame di coltelli.¹⁶

“Como você disse que chama o golfinho?” perguntou novamente enquanto mexia em seu mosquete.

“Golfinho” teve que dizer seu pai, pesando os prós e os contras.

[...]

“Golfinho” repetia a Excelência, sempre com seu mosquete entre suas mãos.

“Golfinho” Caitanello Cambria, subjugado, continuou depois dele, com uma expressão que demonstrava que aquelas palavras o feriam mais que a lâmina de uma faca.

A política empreendida por Mussolini para reduzir a importância dos dialetos¹⁷ é denunciada pelo contraste entre o falar lisonjeiro da Excelência e a pistola que ele aponta para Caitanello Cambria. O evidente desequilíbrio da relação de forças demonstra a implementação de uma política de uniformização linguística como uma negação violenta da realidade dos habitantes do Estreito de Messina.

A política linguística da Masúria está associada às mesmas questões identitárias e políticas. As línguas eslavas e germânicas são tão intimamente interligadas nessa região fronteiriça que os alemães levam nomes poloneses, enquanto os poloneses têm sobrenomes

¹² Sobre a política linguística de Hitler, ver a cena de germanização dos nomes próprios em *Heimatismuseum*; sobre a política linguística de Mussolini, ver OSTENC, Michel, “L’éducation en Italie pendant le fascisme. Bilan et perspectives de recherches”. *Histoire de l’éducation*, Persée, n° 30, 1986, p. 13-27, e o dicionário Treccani (www.treccani.it).

¹³ Franz Rosenzweig, citado por Victor Klemperer em destaque na *Lingua Tertii Imperii: Notizbuch eines Philologen* [1947]. Leipzig: Reclam, 1998.

¹⁴ Em Dante, *fiera* designa a *besta*; o termo vem do latim *ferus*, animal (verificado em Virgílio).

¹⁵ Do grego *δελφίν*, passado para o latim como *delphin* (verificado em Ovídio e Virgílio).

¹⁶ *Horcynus Orca*, p. 182

¹⁷ O toscano é considerado como a norma italiana. Ele foi pouco a pouco elevado à língua padrão, sobretudo graças às três obras do século XIV, escritas nesse dialeto (*A Divina Comédia*, de Dante, *O Decamerão*, de Boccaccio e *Os Cantos*, de Petrarca).

alemães. A fim de germanizar o território, a administração alemã do III Reich rebatizou os lugares e seus habitantes:

Sie tranken sich zu, und danach fragte der Ofensetzer, ob im Bezirk womöglich eine neue Krankheit ausgebrochen sei, die Taufkrankheit, worauf der Gendarm dem Fragensteller empfahl, ihn künftig nicht mehr Iwaschkowski anzureden, sondern mit Hausbruch, Waldemar Hausbruch.¹⁸

Eles beberam à saúde um do outro e, em seguida, o reparador de fogões perguntou se era possível que tivesse surgido uma nova doença naquela região, a mania de renomear tudo, então o policial lhe pediu que não o chamasse de Iwachowski, mas de Hausbruch, Waldemar Hausbruch.

A confusão do reparador de fogões mostra de forma humorada¹⁹ a amplitude, a violência e o absurdo dessa campanha linguística que, para expurgar a cultura eslava, impõe a mudança de uma paisagem inteira.

Se as tensões entre identidade nacional e a diversidade linguística são menos vivas na França, porque o Estado é bem mais antigo²⁰, Aragon desloca o problema linguístico para as ilhas coloniais, servindo-se de uma missão do narrador em Java para evocar a diversidade de dialetos da ilha²¹ e a complexidade das relações sociais que se refletem em sua sintaxe²². Seus traços irônicos a respeito do método Berlitz para aprender malaio²³ denunciam a política colonial que não tem nenhum interesse pela cultura insular nem pelas especificidades de sua língua, mas que se concentra no aspecto prático para fins comerciais.

C) “A adaga que se volta contra sua bainha”

A ameaça que pesa sobre a coesão das comunidades nos três romances não é somente de ordem exterior. As divergências familiares oferecem um exemplo esclarecedor, pois são

¹⁸ *Heimatmuseum*, p. 507.

¹⁹ O nome germanizado do policial significa “aquele que invade casas”. Ver GERRER, Jean-Luc. *Langage autoritaire et résistance dans la littérature allemande consacrée aux Provinces de l’est allemandes*. In : *Textes et Contextes*, Centre Interlangues, 2011, <halshs-00756502>.

²⁰ Desde a ordem Villers-Cotterêts, em 1539 e o trabalho literário dos poetas da Plêiade no século XVI.

²¹ “Geoffrey Gaiffier está quase sempre na estrada, muito excitado com a região, menos pela diversidade de paisagens [...] do que pelos vários tipos de homens e de línguas; porque, não longe dele, há mão de obra importada de Madura, os Dayks de Bornéu e os Boegis de Celebes, o que lhe dá oportunidade de preencher certas lacunas em suas informações para a gramática comparativa, obra realizada antes mesmo de sua chegada a Java, durante sua curta parada em Sumatra.” *Blanche ou l’oubli*, p. 263.

²² “Não me limite como os malaios a mudar de pronome por polidez, posição, diferenças raciais [...]” *Blanche ou l’oubli*, p. 28.

²³ “Imagine que eu tinha começado a estudar malaio com Berlitz: rapidamente o professor já tinha um tipo que olha o vocabulário de forma específica, que espiona o vocabulário. Na Escola [de Línguas Orientais], era outra coisa.” *Blanche ou l’oubli*, p. 28.

“Enquanto isso, você pode sempre estudar o *Berlitz Bahasa Melayu Tinggi*, especialmente editado pela equipe de comércio exterior da *Standart Vacuum Oil*, em 1952, e você a vê ali, a equipe, quando lhe é dito gentilmente: *Tuan Churchill orang Inggris ?* que aprende a responder: *Ya, Tuan Churchill orang Inggris [...]*.” *Blanche ou l’oubli*, p. 55.

sintomáticas em relação ao risco de dissolução da comunidade: o modelo genealógico constitui efetivamente uma analogia clara com o modelo comunitário na medida em que a história de um é parte constitutiva do outro²⁴.

Escrito no modelo de *A Odisseia*, *Horcynus Orca* conta o retorno de um marinheiro a sua aldeia no final da guerra. Contudo, enquanto a epopeia de Homero detalha como Ulisses reconquista seu lar em Ítaca, a de Stefano d'Arrigo apresenta famílias que não conseguem se recompor. O reencontro de 'Ndrja com seu pai foi feito como uma reescritura paródica da cena de reconhecimento entre Penélope e Ulisses. A cena desvia o modelo antigo, colocando o pai no lugar da esposa:

[...] cominciò da lì a tastargli tutto il corpo, ogni parte del corpo, quasi ogni parte del corpo. Come Ciccina Circé, quasi come Ciccina Circé²⁵

[...] ele começa então a tatear-lhe todo o corpo, cada parte do corpo, quase cada parte do corpo. Como Ciccina Circé, quase como Ciccina Circé

A subversão do modelo homérico e genealógico é sublinhado pelo instante do ritmo ternário crescente (“tatear-lhe todo o corpo, cada parte do corpo, quase cada parte do corpo”) seguido de uma repetição da comparação com Ciccina Circé, a traficante-prostituta que tomou 'Ndrja por amante. Os níveis de filiação e sexualidade parental encontram-se assim misturados nessa cena: a ruptura na árvore genealógica dos estratos horizontais (marido-mulher) e verticais (pai-filho) simboliza o fim de um mundo ordenado²⁶. A célula familiar, como um sistema social fechado, é uma representação em pequena escala da aldeia; a dissonância na relação de 'Ndrja com seu pai reflete a desarmonia de sua relação com Oriolès, seu futuro sogro e chefe da aldeia. Oriolès torna-se infantil e mesquinho, enquanto 'Ndrja tenta responsabilizá-lo pela compra de um barco. O caos familiar reflete assim, em pequena escala, um mundo sem pé nem cabeça, em que os pescadores estão “longe do barco e a cavalo”.

Os mal-entendidos no seio da comunidade são também poderosamente representados por violentas desordens familiares em *Blanche ou l'oubli*: o romance termina com o estrangulamento de Marie-Noire por seu amante Philippe, enquanto seu bebê engasga ao lado deles. O círculo mais estreito de intimidade compartilhada é rompido porque um de seus membros direciona sua violência contra o outro. Famílias que se dilaceram na guerra civil da

²⁴ Ver CAZALAS, Inès. *Contre-épopées généalogiques : fictions nationales et familiales dans les romans de Thomas Bernhard, Claude Simon, Juan Benet et António Lobo Antunes*. Tese defendida em Estrasburgo, em 2011, sob a orientação de Pascal Dethurens.

²⁵ *Horcynus Orca*, p. 416.

²⁶ Para o método de análise do modelo genealógico, ver Cazalas, Inès, *op. cit.*

Indonésia²⁷, os conflitos têm no romance uma estrutura invariável. Em diferentes escalas, é uma mesma violência interna que percorre as comunidades e as ameaças de dentro: essas discordâncias, postas em cena em seus extremos, convergem e se condensam na imagem da “adaga que se volta contra sua bainha”.

As divergências que existem no seio da comunidade masúria exilada são menos espetaculares em suas manifestações, mas também são profundas. Primeiro, ela sofre uma transformação estrutural: a americanização da sociedade depois da guerra, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e a vida urbana reduzem as distâncias e contribuem para a relativização das culturas²⁸. O pertencimento a um grupo é agora determinado pela idade e não mais pela proveniência de um mesmo território²⁹. Esse deslocamento manifesta-se na ficção pela experiência de sentimentos contrários em relação à pátria (*Heimat*): a jovem geração, nascida após o êxodo, considera-a como uma noção obsoleta e perigosa, enquanto a antiga geração cultiva a nostalgia³⁰. Entretanto, as tensões não são unicamente entre gerações: Zygmunt e seus recrutas estão também divididos. Sua querela é sobre a função que deve ter seu museu regional, simples espaço de exposição para testemunhar o passado masúrio ou um meio político para reivindicar os direitos legítimos da Alemanha sobre a Masúria. A ruptura da comunidade de exilados masúrios materializa-se pelo incêndio provocado por Zygmunt, a fim de impedir a instrumentalização, destruindo assim todos os objetos entorno dos quais ele e seus compatriotas se uniam.

A guerra e o exílio são o paradigma da violência com o qual se quebra a ligação aparentemente fundadora e transparente entre a comunidade política e seu território. A ruptura é de ordem política e social. Os três romances, ao narrarem essa desagregação, questionam e colocam como ponto central de suas narrativas a possibilidade de uma outra comunidade.

2. A confusão como recusa de certezas

A amplitude dos romances e de suas numerosas narrativas, circunscrevendo um estado de crise, mistura o sistema referencial. Redes de significados opostos convergem e se

²⁷ “Aqueles que matam são como aqueles que são mortos, homens de bronze contra homens de bronze”. *Blanche ou l’oubli*, p. 330.

²⁸ LATTARD, Alain. *Histoire de la société allemande au XX^e siècle*, t. 2, *la RFA 1949-1989*. Paris : PUF, 2011.

²⁹ Ver MERCHERS, Dorle. *Le Réalisme de Siegfried Lenz*. Bern-Berlin-Bruxelles... :Peter Lang, 2001. Sobre a ruptura generacional que se opera nos anos de 1960, ver também Lattard, Alain, *Histoire de la société allemande au XX^e siècle ...*, *op.cit.*.

³⁰ BAUSINGER, Hermann. Auf dem Wege zu einem neuen, aktiven Heimatverständnis. Begriffsgeschichte als Problemgeschichte. In: WEHLING Hans-Georg (dir.). *Heimat heute*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1984.

contradizem em alguns lugares das obras: a confusão resultante impede o assentamento de certezas e o estabelecimento de uma visão maniqueísta. A complexidade do sistema narrativo desconstrói assim as representações esquemáticas e impede a glorificação de um tempo passado ou de identificação de um bode expiatório contra o qual se voltar a fim de reformar a comunidade fragmentada³¹.

A) A violência do Éden perdido

Se a descrição das paisagens masúrias e da vida ao ritmo das estações evocam um Édem agora perdido em *Heimatmuseum*, a atenção dada aos detalhes da narração, entretanto, relativizam fortemente esse quadro idílico. Como assinala Dorle Merchiers, em *Le Réalisme de Siegfried Lenz*³², o domínio gerido por Alfons Rogalla, o avô do narrador, é organizado sob o modelo do sistema feudal, com um fazendeiro, senhor de todos os direitos sobre os camponeses e a mão de obra³³. O encarceramento do reparador de fogões Eugen Lawrenz representa a impunidade de Alfons Rogalla: depois de ter violado e conduzido sua filha ao suicídio, ele o prende graças a um falso testemunho. O incidente não é representado diretamente na história, ele chega até nós pelo desvio da narrativa encaixada. A infância de Zygmunt parece assim negligenciada, mas episódios secundários, integrados à história como um contraponto, denunciam um sistema social baseado sobre a lei do mais forte. As anedotas negam discretamente a representação binária de um antigo mundo paradisíaco oposto ao cinza urbano do mundo contemporâneo³⁴.

B) O soldado que estende a mão

O mesmo trabalho de negação das lógicas maniqueístas está em várias histórias encadeadas de *Horcynus Orca*. A morte do soldado alemão nas ruas de Nápoles oferece um exemplo significativo. O sistema referencial do romance³⁵ inscreve os alemães como atores no

³¹ GIRARD, René. *Le Bouc émissaire*. Paris : Grasset, 1982.

³² MERCHIERS, Dorle. *Le Réalisme de Siegfried Lenz, op.cit.*

³³ “Er herrschte über alles, als gehörte es ihm, und jeder hatte sich damit abgefunden oder wurde von ihm gezwungen, sich daran zu gewöhnen, von diesem krummwüchsigen, verhetzten Mann, der am liebsten die Sprache abgeschafft hätte, ja ...” *Heimatmuseum*, p. 50.

“Ele reinava sobre tudo como se tudo lhe pertencesse e cada um teve de ou partir ou se acostumar sob a coação desse homem contrafeito, agitado, que, se pudesse, teria abolido a língua, sim...”

³⁴ Endereçado de Zygmunt a Martin Witt, sobre a vida na cidade :

“Und ich sehe auch ein, dass [dies Wort Heimat] in einer Landschaft aus Zement nichts gilt, in den Beton-Silos, in den kalten Wohnhöhlen aus Fertigteilen [...]” *Heimatmuseum*, p. 144

“E me dei conta que [essa palavra, pátria] não tem nada a ver com essa paisagem de cimento, nesses silos de concreto, nas cavernas pré-fabricadas onde você mora [...]”

³⁵ Exemplo significativo é o do eufemismo de uma mãe, senhora de idade, que compara a guerra a um caso com alemães:

centro de uma rede de morte e destruição. No entanto, o episódio de Nápoles constitui uma notável contradição. Ela é interessante porque cruza uma outra rede do romance, a do aperto de mão como metáfora da integração à comunidade³⁶. Como em *Heimatmuseum*, a cena não é representada no primeiro plano da narração: ela se passa no desvio de uma lembrança de 'Ndrja.

São as histórias de Caitanello Cambria, elas mesmas que dão espaço à rede do aperto de mão como prova da integração à comunidade, que desencadeiam em 'Ndrja a recordação do episódio. O soldado alemão deixa-se encurralar em um labirinto de ruelas depois de ter perdido seu regimento em um movimento de retirada. De seu tanque, ele se vê cercado pelos habitantes. Ele fica então retido em seu tanque blindado, assimilado a sua máquina de guerra, a reversão da relação de força faz dele uma presa. A descrição de sua cabeça nua e de seu caminhar titubeante é um primeiro processo de humanização. Quando o soldado alemão estende a mão a um menino de rua³⁷, que parece ser o chefe do bando, a narrativa diminui o ritmo com um efeito dilatador sobre sua grande palma da mão aberta; a criança não agarra a mão, esboça uma careta sardônica e apunhala o soldado. A inversão é dupla nesse momento da história: o alemão que ameaçava a existência da comunidade faz um gesto de integração social, enquanto o rosto do menino parece se cobrir de rugas no momento em que ele se faz de instrumento da morte³⁸.

Diversas redes são criadas assim, densas, na multiplicação das histórias. Os personagens e os episódios fazem eco no sistema de referências contraditórias. A aparente confusão resultante impede toda simplificação maniqueísta; é nessa condição que uma reflexão sobre a crise pode ser aprofundada na narrativa³⁹.

C) “O que procuramos é tudo”

A mesma estratégia de desorientação do leitor por interferência de categorias é feita em *Blanche ou l'oubli*. A obra faz isso sobre três planos. Em um primeiro nível, os personagens colocam em questão a fronteira entre o bem e o mal:

“[...] e ve lo dico per 'sperienza, senza carabinieri e armamentario ... In guerra morirrebbero solo i biondi, nemmeno a pagarlo a peso d'oro lo troverebbe un bruno, quella Nasemangiato.” *Horcynus Orca*, p. 19

“[...] e eu lhes digo por 'experiência, sem policial nem armamento... Na guerra morriam apenas os loiros, mesmo se ela pagasse a peso de ouro, não encontrava um moreno, a Nezmangé.”

³⁶ O pai de 'Ndrja recusa obstinadamente a troca de um aperto de mão com os aldeões, a fim de marcar seu desacordo com eles. Da mesma forma, um companheiro de 'Ndrja explica que ele não poderia mais participar da vida social da aldeia por ele ter voltado da guerra com um pulso amputado.

³⁷ “*Lo scugnizzo*” – o equivalente a um Gavroche napolitano.

³⁸ *Horcynus Orca*, p. 547.

³⁹ Sobre a importância da interferência de referentes para evitar a idealização, ver GOYET, Florence, *Penser sans concepts. Fonctions de l'épopée guerrière – Iliade, Chanson de Roland et Heiji Monogatari*. Paris : Champollion, 2006.

Depois [Philippe] diz: “Em 1940, mesmo assim, se você tivesse me deixado porque eu não tinha um carro, por quem teria sido?” Ela o olha com piedade: “Diz, por quem, Marina?” E ela: “Pela S.S., provavelmente...” Isso acaba com a conversa.

[...] E se Marie-Noire, hoje, se permitisse julgar isso segundo a moral corrente, julgar qualquer um de sua idade, então, que teria dormido com um S.S., pelo carro ou não? O que se sabe! Que teria sido, melhor naquela época, fazer amor com um *bom* alemão? Você sabe daquele tipo que lia Rimbaud e, conforme o caso, protegia alguém que fosse um pouco judeu, vagamente mal visto pelas autoridades...⁴⁰

O exemplo, provocante e não desprovido de ironia, não tem por vocação defender o relativismo. Em vez disso, ele incita o leitor a não adotar julgamentos “cortados como cabeças” e a sempre questionar os fundamentos de suas convicções. É com esse convite a uma busca perpétua que acaba o episódio: *Was wir sind ist nichts, was wir suchen ist alles...*⁴¹

O segundo nível de interferência vem sobre o plano de referências que o leitor invoca para compreender o texto. O romance é, de fato, estruturado pelo *topos* do grande amor. Equivalências são estabelecidas entre Blanche e Mme Arnoux⁴², entre Blanche e Diotima⁴³, entre Blanche e Élisabeth Schlésinger⁴⁴ e enfim entre Élisabeth Schlésinger⁴⁵ e Suzette Gontard⁴⁶. Maryse, por outro lado, primeira amante voluptuosa de Geoffrey Gaiffier, é comparada à Rosanette, o amor passageiro de *A Educação sentimental*⁴⁷. Uma sólida rede de idealização da única mulher amada se estende então em *Blanche ou l’oubli*. No entanto, é invalidada pela história da morte de Maryse, morta pelas balas alemãs enquanto fugia de seu asilo. Essa cena introduz confusão ao destruir de duas maneiras a linha divisória entre a mulher celebrada e a coquete frequentada: Maryse termina sua vida em um hospício, como Élisabeth Schlésinger⁴⁸, e sua morte é uma reescritura da cena de Bérénice, em *Aurélien*⁴⁹. A conjugação de figuras nesse momento do texto, enquanto suas diferenças se mantêm no restante do romance, perturba o esquema de leitura

⁴⁰ *Blanche ou l’oubli*, p. 167-168

⁴¹ “Isso que somos não é nada, o que procuramos é tudo”, *Blanche ou l’oubli*, p. 169. A fórmula, em alemão no texto, é uma citação do *Hipérion ou O Eremita da Grécia*, de Hölderlin..

⁴² Ver principalmente a reescrita de *A educação sentimental*, no capítulo “Uma mecha de cabelo”.

⁴³ Ver p. 491-493: o narrador dirige-se à Blanche para falar de seus sonhos saqueados como o faz Hipérion à Diotima para mencionar a bolsa de Mistra.

⁴⁴ Principalmente por uma citação de Flaubert em destaque da segunda parte (“Nunca saberemos o quanto foi triste fazer ressuscitar Cartago”), que pode ser lido como um eco de *L’Après-dire*.

⁴⁵ Élisabeth Schlésinger e Suzette Gontard são os grandes amores de Flaubert e Hölderlin; elas servem de inspiração para as figuras respectivas de Mme Arnoux e de Diotima.

⁴⁶ Ver p. 581: Aragon estabelece um paralelo entre as duas mulheres para o fim infeliz de sua história de amor com Flaubert e Hölderlin.

⁴⁷ “Eu poderia também imaginá-lo em Rosanette [...]” *Blanche ou l’oubli*, p. 39. No restante do romance, o nome de Rosanette é tão usado quanto o de Maryse para a designar.

⁴⁸ “[...] quando Élisabeth Schlésinger ali infinitamente completa de ser, na casa de Illenau.” *Blanche ou l’oubli*, p. 581.

⁴⁹ VASSEVIÈRE, Maryse. *Aragon romancier intertextuel ou les pas de l’étranger*. Paris : L’Harmattan, 1998.

habitual, unindo a amante passageira à única mulher amada, absolutamente construída no amor cortês.

O último nível de desorientação é representado sobre o plano metatextual. O autor insere à história uma nota de rodapé:

“A propósito, de fato, quem foi eleito presidente em 1965?” pergunta-se Oscar, o filho de Marie-Noire, em 1982, ele tem dezesseis anos e lembra seu pai, então, de fato, quem é seu pai ? (...) Quanto a sua mãe, para falar com ela, Oscar precisaria de um dicionário. [...]”⁵⁰

O inciso, com seu caráter de atualidade, tem valor de antecipação. Oscar morre logo após seu nascimento nas últimas páginas do livro, no momento em que Marie-Noire é estrangulada. O autor, ao escolher mudar o curso de sua narrativa, rompe o pacto de confiança e o pacto de coerência narrativa implicitamente estabelecidos com o leitor⁵¹. Ao trair o horizonte de expectativas, o jogo de contradição dos episódios perturba as referências habituais de pensamento: a postura subversiva de Aragon diverte o leitor pelo prazer das provocativas reviravoltas, mas também o desorienta. Essa dupla função é precisamente um mecanismo de trabalho épico: é na distração obtida pela ficção, sem que o leitor se dê conta, que as certezas são desconstruídas, a fim de deixar livre um espaço para a invenção de novos modelos políticos⁵².

III – Prolegômenos para uma nova comunidade

A multiplicação de histórias secundárias, ao criar densas redes contraditórias, confunde e desloca nosso sistema referencial. O confronto de personagens e suas variadas vozes divergentes abre então um novo espaço onde o trabalho épico pode ser elaborado.

A) O que tece o contador de histórias

O esboço de um espaço para reunir a comunidade *a novo*⁵³ feita em *Heimattmuseum* em torno da figura do contador de histórias. O conjunto de histórias é contado por Zygmunt, que narra sua vida em sua cama de hospital. O texto insiste no contexto e na dimensão oral da

⁵⁰ *Blanche ou l'oubli*, nota de rodapé, p. 244.

⁵¹ Aragon, por brincadeira e provocação, advertira desde o primeiro capítulo que esse não era um romance de antecipação.

⁵² GOYET, Florence. *L'épopée refondatrice : extension et déplacement du concept d'épopée*, *op. cit.*

⁵³ Expressão latina que significa “pela primeira vez, novamente”.

narrativa. A chegada e a partida de Martin Witt, o amigo da filha do doente, dão ritmo a cada capítulo da história; o desenrolar da saga masúria é, às vezes, interrompida pelos questionamentos do jovem homem, pela chegada de uma enfermeira ou pela sede do narrador. Ao fazer com que a narrativa dependa fortemente do momento de sua formulação, o autor ultrapassa a ideia de uma fatídica dicotomia entre a Masúria perdida e a Alemanha do Oeste: ele representa um elo entre esses dois mundos no momento da narrativa. Uma segunda ligação é estabelecida a partir das cotidianas visitas de Martin Witt: graças à amplitude de sua história, Zygmunt cria a seu lado um novo espaço de reunião entre as gerações. Essa inscrição no tempo da enunciação reatualiza, desse modo, a figura do aedo: reescrevendo o instante em que os ouvintes se reúnem em torno dele para escutar seu canto e participar de sua elaboração, Zygmunt e Martin reproduzem em pequena escala o ato de formação das comunidades⁵⁴.

É interessante notar, a esse respeito, os elos profundos que existem entre as três atividades de Zygmunt, a tapeçaria, o museu e a história. O contador de histórias, como o mestre da tapeçaria, tece uma história ao organizar os motivos e os eventos segundo uma determinada ordem⁵⁵. Desse modo, a narrativa e a tapeçaria são uma arte de disposição e representação. A fala de Zygmunt, em seu desdobramento, abre um espaço onde se conservam as paisagens e os costumes da Masúria. A descrição das florestas, das festas, dos contos e dos objetos encontrados em escavações arqueológicas faz também do texto um museu⁵⁶. Entretanto, o romance não celebra com nostalgia a essência de uma região perdida⁵⁷, ao contrário, ele contém sua própria advertência contra a recuperação ideológica de discursos identitários. O lugar da narrativa não é o de comemoração, mas de uma descrição que diz que a Masúria, ao desconstruir suas próprias certezas, dá a ele um alcance crítico⁵⁸. A amplitude da narração, que envolve cinquenta anos de história masúria, permite efetivamente questionar a pertinência de cada postura ao longo do tempo graças à representação das consequências que ela causará. Não voltaremos aos debates sobre a organização do museu, mas evocaremos os primeiros reencontros de Zygmunt e Edith, um episódio amoroso particularmente interessante se o transpusermos ao plano político⁵⁹. Os dois personagens mantêm uma assídua correspondência desde que Edith, sua amiga de infância, deixa Lucknow. A troca de cartas

⁵⁴ Ver VINCLAIR, Pierre. *De l'épopée et du roman. op. cit.*

⁵⁵ Ver a aproximação etimológica entre “tecer” e “texto” de Roland Barthes (por exemplo no “Texto (teoria do)”. *Encyclopédie Universalis*, 1973).

⁵⁶ MERCHERS, Dorle. *Le Réalisme de Siegfried Lenz, op.cit.*

⁵⁷ É o que Inès Cazalas chama de “epopeia petrificada”, em *Contre-épopées généalogiques: fictions nationales et familiales ...*, *op.cit.*, Introduction.

⁵⁸ Inès Cazalas emprega aqui o termo “epopeia complexa” para fazer oposição à epopeia petrificada, *op. cit.*, Introduction.

⁵⁹ Ver SCHMITT, Evelyne. *Les mœurs de Zygmunt Rogalla: les mœurs de la Mazurie à travers les personnages féminins de Heimatmuseum*, *Orbis Letterarum*, 1997.

permite a Zygmunt descobrir sua amiga sob um novo ângulo e formar com ela ligações mais íntimas. No dia em que eles se encontram, entretanto, ele fica terrivelmente decepcionado e se dá conta que a distância fez com ele idealizasse Edith. Evelyne Schmitt aproxima essa cena do encontro perdido à confissão feita por Zygmunt no fim do romance:

[Ich] wollte es nicht für möglich halten, was Ferne allein bewirken konnte, Ferne und Unerreichbarkeit, ja. Nie zuvor war Masuren mir so deutlich vorgekommen, so einsehbar, nie zuvor gelang es mir, sein geheimes Wesen [...] so gelassen zu entziffern.⁶⁰

[Eu] não queria acreditar na possibilidade de a distância poder, só ela ter como efeito, a distância e seu caráter inacessível, sim. Nunca antes a Masúria me pareceu de forma tão sensível, de forma tão ostensiva, nunca antes eu consegui descrever tão serenamente [...] sua essência íntima.

Portanto, o episódio da desilusão vivida com Edith trabalha antecipadamente a desconstrução na narrativa da idealização da região natal, que nasce da distância imposta pelo exílio. A ficção apresenta os seres e as regiões como entidades com identidades complexas das quais nos afastamos se as fixamos em representações monolíticas.

O incêndio do museu regional permite o desdobramento da fala de Zygmunt. A solução esboçada parece parcialmente satisfatória na medida em que ela não substitui nem a materialidade dos objetos queimados nem a terra perdida. No entanto, a narrativa permite a criação de um novo espaço no qual as diferentes gerações de reúnem; elas assistem ali ao espetáculo da história masúria e de seus habitantes exposta em sua complexidade e em suas zonas obscuras.

B) O príncipe javanês e Shakespeare

A postura do linguista Geoffrey Gaiffier, em *Blanche ou l'oubli*, trabalha para marcar profundamente um primeiro gesto de nova formação de comunidades. Esta afirmação pode parecer paradoxal em razão da extrema solidão do personagem. Sua experiência de aprendizagem de línguas como enriquecimento de sua representação do mundo serve, no entanto, como o autor explicitamente desejava, para “*abrir uma dessas cadeias de pensamento*”⁶¹ :

⁶⁰ *Heimatmuseum*, p. 591 dans l'édition de 1978. Notre traduction.

⁶¹ *Blanche ou l'oubli*, p. 495-496

Em meu bichelamar⁶², para mim, se chocam mais línguas que das Ilhas Aleutas à Tasmânia, e se se faz um dicionário delas, seria necessário para cada palavra páginas para explicar a etimologia, a textura, a mestiçagem. [...]

Mas os caminhos das palavras, sua maneira de se agarrarem umas as outras, fora do vocabulário de uma linguagem conhecida, definida, colmatada por constituir um individual falar de Sioux, heterogêneo, a mitologia repetida de um solitário que não compartilha com ninguém, afinal, uma imagem de como se constitui um idioma, um *menschlicher Sprachbau*, como eu parodiaria a expressão de Humboldt ...⁶³

Podemos traduzir *der menschlicher Sprachbau* como “a estrutura de línguas humanas”⁶⁴. O conceito de estrutura (*Bau*) é particularmente interessante em Humboldt porque ele não fixa a língua à uma essência: ele permite considerá-la composta, ao mesmo tempo, de elementos estáveis (sua estrutura) e transpassada por um dinamismo histórico que a transforma⁶⁵. O conceito humboldtiano de estrutura propõe ao futuro das comunidades um modelo que ultrapassa a dicotomia local-estrangeiro.

A complexidade do príncipe javanês Alit, personagem que só é evocado por intermédio de lembranças, é nesse sentido muito interessante. Membro da elite local, ele estuda na Inglaterra antes de voltar à Batavia. Sua estadia em Oxford coloca-o na história de sua ilha como se ele fosse um estrangeiro: estudar inglês representa um ato de resistência contra a colonização holandesa⁶⁶, mas também um distanciamento de seus compatriotas pela adoção de alguns traços de cultura ocidental. É desse paradoxo que nasce na narrativa uma nova exegese de Shakespeare:

“Você sabe, mesmo para você, mesmo para quem amamos, filhos desse mundo à parte, temos vontade de dizer como o outro

*This island is mine, by Sycorax my mother,
Which thou tak'st from me ...*

– ele para como se ouvisse vozes em torno de si : – *The Tempest... you know... todo mundo entende Shakespeare a sua maneira... qual é a ilha de Próspero? [...] eu não posso ouvir [esses versos] sem pensar que o drama se passa nesta ilha, que é minha por minha mãe Sycorax, mas o nome se pronuncia um pouco diferente por essas*

⁶² O *bichelamar* é um pidgin, uma língua veicular que não é a primeira língua da pessoa e que se constitui na relação entre as línguas do Extremo Oriente e as da Europa ocidental.

⁶³ *Blanche ou l'oubli*, p. 423-427

⁶⁴ Ver a tradução do título do ensaio de Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*. In PHILONENKO, Alexis. *Humboldt. À l'aube de la linguistique*. Paris : Les Belles Lettres, 2006.

⁶⁵ Ver o glossário de Denis Thouard, em Humboldt (von) Wilhelm. *Sur le caractère national des langues et autres écrits sur le langage*. Thouard, Denis (trad.). Paris : Seuil, 2000

⁶⁶ A Holanda começou a estabelecer seu poder nas ilhas da Indonésia no século XVII, impondo um monopólio comercial. Foram os holandeses que fundaram a capital Batavia em 1619. Depois de muitos enfrentamentos, os holandeses assumiram o controle total do território em 1908 e unificaram as ilhas sob o nome de Índias Holandesas. Na mesma época, forma-se o movimento *Budi Utano*, uma associação de nobres pela independência e educação moderna. Podemos supor que Alit é um de seus representantes na medida em que o jovem príncipe estudou em Oxford: sua condição social e a discriminação de uma educação ocidental correspondem efetivamente ao perfil dos membros de *Bundi Utoro*. A cultura anglo-saxã é popular entre os membros do movimento de independência, porque os ingleses são os principais adversários dos holandeses no cenário marítimo e comercial.

bandas, essa ilha que você nos tomou acariciando-nos, mimando-nos, e eu te mostrei as fontes de água, as salinas, os lugares estéreis e férteis... – de repente ele fechou na sua doce pata de homem os dedos finos, prontos para fugir do estrangeiro. – Não se aborreça, Blanche, não fuja de mim... eu não sou e *sou* Calibã... – Eu não me aborreci, Alit, – disse ela, soltando-se, – mas Shakespeare nos impedirá de chegar a este ponto de vista aonde você me leva...”⁶⁷

Alit inverte a perspectiva da peça de teatro, pegando dois versos de Calibã, o autóctone aterrorizante e selvagem que é ridicularizado pelo duque Próspero e seus companheiros. Esse personagem repulsivo, reatualizado pelo paralelo feito por Alit com a situação da Indonésia, torna-se o modelo dos indígenas, menosprezados por não viverem segundo os costumes ocidentais e expropriados de suas terras pelo rico duque instalado como senhor de uma terra que não é dele⁶⁸.

Ao trazer *A Tempestade*, de Shakespeare, a fim de ilustrar a situação da Indonésia⁶⁹, Alit opera um duplo movimento de desterritorialização (ele escolhe um texto ocidental) e reterritorialização (ele se apropria do texto ao aplicar no contexto oriental). Dessa forma, ele ultrapassa a categoria tradicional de culturas nacionais, mantendo uma forte ancoragem geográfica no território javanês. Essa dinâmica reconfigura o espaço cultural, permitindo superar as oposições culturais sem, entretanto, negá-las nem as homogeneizar⁷⁰.

C) A invenção de uma língua e o fim de um modelo patriarcal

Uma síntese similar a essa proposta por Alit e Geoffrey Gaiffier é elaborada em *Horcynus Orca* pelo viés de uma narrativa onírica. Adormecido na praia, esperando encontrar um barco que em ele possa atravessar o Estreito de Messina, ‘Ndrja sonha com a morte dos golfinhos. Ele se imagina seguindo-os até o coração de um vulcão para vê-los se jogarem em um movimento crístico no coração do fogo, antes que seus esqueletos caiam lavados pelas chamas. O neologismo *delfifera* que ‘Ndrja balbucia em seu sonho combina os termos *delfino* (golfinho) e *fera* (besta) em torno dos quais se cristalizam as tensões entre os habitantes da aldeia e os estrangeiros do continente⁷¹. O sacrifício do golfinho no vulcão sintetiza duas visões de mundo:

⁶⁷ *Blanche ou l’oubli*, p. 267

⁶⁸ Ver *Épopées et guerres coloniales* (livraison 4 du *Recueil ouvert*, 2018) organização de Elara Bertho e Aude Plagnard.

⁶⁹ Aragon tinha um forte interesse pela literatura pós-colonial: Daniel Bougnoux, em uma entrevista intitulada “L’avenir dans *Le Fou d’Elsa* de Louis Aragon”, dada em 06 de setembro de 2013 à France Culture, afirma que o autor era um grande leitor de Kateb Yacine.

⁷⁰ LULL, James. Superkultur. In HEPP, Andreas und Löffelholz, Martin (éd.). *Grundlagentexte zur transkulturellen Kommunikation*, Konstanz, UVK Verlagsgesellschaft mbH, 2002

⁷¹ A ferocidade do golfinho é descrita implicitamente na denominação *besta (fera)*. O pai de ‘Ndrja justifica assim o uso desse termo: “*Questa, vossia non lo può sapere, noi la chiamiamo fera e fera effettivamente è. E fera vuole dire pescebestino, tutto una fetenzia d’animale che in quanto carne, non vale un soldo, ma quanto al cervello ce l’ha fino,*

a figura crística do golfinho⁷² e seu caráter vil e zombeteiro⁷³. A criação do termo permite uma nova nomenclatura do mundo que afirma sua ancoragem regional (*delfifera*), ultrapassando-a e problematizando-a. Esse sistema linguístico estende-se por todo o romance. A prosa de *Horcynus Orca* articula a língua nacional e as particularidades regionais, mantendo-as no romance, indo além de sua oposição. As diferenças não são nem apagadas nem suavizadas nessa síntese, mas elas mantêm e fazem emergir dessa tensão um terceiro-espço.

No romance, entretanto, a revelação do termo *delfifera* estigmatiza 'Ndrja aos olhos de sua comunidade. Imerso em um sonho, 'Ndrja imagina seu pai e os anciãos, sentados em fila, pintando os lábios de vermelho:

Ora, si figurava di apparire ai pellisquadri qualcosa come un infemminato perché, a senso suo, era come se quel nome che gli sbavava caramelloso sulle labbra, gli pittasse la bocca di rossetto, dandogli un'aria sfacciata, a maschio e femmina.⁷⁴

Agora ele imaginou aparecer diante dos peles-vermelhas [*peaux-ravinées*⁷⁵] como um afeminado porque, em seu contexto, isso era como se o nome que lhe babava caramelo sobre os lábios pintava-lhe a boca de vermelho, dando-lhe um ar insolente, macho e fêmea.

Nesse sistema de valores dos aldeões, atribuir a um homem características femininas corresponde a maior ofensa, porque constitui um desvio grave de sua identidade⁷⁶. Essa representação se inscreve em uma sociedade em que o homem é exaltado por sua virilidade⁷⁷. Dois personagens secundários, no entanto, desconstroem essa visão de mundo.

genialone, non c'è che dire. Fera, basti dire, fera : scellerata e sterminatrice, campa fra ladroneggi e assassinaggi. [...]" *Horcynus Orca*, p. 181

"Este, Vossa Graça, não pode o saber, nós o chamamos de besta e besta ele é efetivamente. E besta quer dizer peixe fétido, toda uma infecção de animal que, como carne, não vale nada, mas como cérebro, ele tem um grande gênio, não há nada o que dizer. Besta, é o suficiente para dizer, besta: criminoso e exterminador, ele vive entre roubos e assassinatos. [...]" *Delfino*, ao contrário, refere-se a uma concepção oposta, mítica e pacífica. O oficial da marinha italiana Monanin glorifica assim o golfinho:

"*Capite ? I delfini portano fortuna, portano bene. Difatti, qualcosa di buono accade sempre a chi va per mare e s'incontra coi delfini.*" *Horcynus Orca*, p. 207

"Você entende? Os golfinhos trazem fortuna, boa sorte. Na verdade, sempre acontece algo de bom para quem navega pelos mares e encontra os golfinhos."

⁷² A Excelência: "*è martire*" ("É um martírio"), *Horcynus Orca*, p. 182.

⁷³ O pai de 'Ndrja: „lo chiamamo pescebestino" ("nós o chamamos de peixe fétido"), no mesmo diálogo, *Horcynus Orca*, p. 181, citado acima.

⁷⁴ *Horcynus Orca*, p. 151

⁷⁵ *Pellisquadra* é um neologismo que designa os pescadores, por metonímia com sua pele bronzeada pelo sol. Propomos de o traduzir como peles-ravinas por se aproximar de "pele vermelha" (*pellirossa*).

⁷⁶ A homossexualidade masculina e a subversão de representações tradicionais de gênero são motivos recorrentes do romance: elas são apresentadas nos aldeões como indícios de uma natureza pervertida. O autor desconstrói essa perspectiva durante a narração.

⁷⁷ A sociedade de Mussoline foi construída em torno do elogio à força. Pensemos, por exemplo, em "*Bisogna essere forti*", extrato de um discurso de Coni, em 24 de agosto de 1933. A análise do dicionário de mitologia mais editado durante e era facista, de Giovanni Stano (*Dizionario di miti, leggende, costumi greco-romani*) é esclarecedora: poucas páginas são reservadas a Ulisses, o herói do truque, enquanto o mito de Hércules tem direito a um dos desenvolvimentos mais significativos.

O primeiro deslocamento acontece com Ciccina Circé, feiticeira, contrabandista e prostituta que embarca 'Ndrja à noite para atravessá-lo pelo Estreito de Messina. É uma personagem construída na narrativa em contraponto a Marosa, a noiva de 'Ndrja, que o espera bordando na aldeia. Essa referência intertextual com *A Odisseia*, no entanto, inverte a lógica de oposição entre Circe e Penélope no momento em que 'Ndrja usa os termos empregados por Ciccina Circé para ofender as *culiseduti*⁷⁸ (*bundas sentadas*) que são as mulheres da aldeia. Sua virulenta discriminação e o tom familiar de seu neologismo *culiseduti* invertem os dois grandes princípios de organização de sua comunidade: o casamento endógeno⁷⁹ e a divisão de papéis entre o trabalho dos homens fora de casa e o de dentro de casa das mulheres.

Uma outra figura de mulher independente, evocada de maneira mais anedótica na narrativa, trabalha no deslocamento do sistema habitual de representação. Trata-se da mulher do fabricante de barcos, que não é designada de outra forma a não ser pelo seu *status* marital e pela profissão de seu marido. Este último ocupa um lugar maior em uma sociedade composta de pescadores e marinheiros: é graças a seu conhecimento que o barco pode ser produzido, um objeto que é ao mesmo tempo a ferramenta e o prolongamento deles mesmos⁸⁰. Quando 'Ndrja vai a seu ateliê para fazer uma encomenda, descobre o artesão afetado por uma paraplegia e mudo. Entretanto, a atividade não está parada: a esposa do artesão assume a construção dos barcos, sozinha. Ela é apresentada como uma segunda mão que reproduz os gestos de seu marido. Seu trabalho é ritmado por uma pantomina em que ela coloca a orelha próxima a boca de seu marido para receber as instruções. Embora ela pretenda fazer apenas o que lhe dita o espírito de seu marido, o romance mostra em sua evidência que é ela quem tem os conhecimentos técnicos e manuais para construir embarcações sólidas e leves como não eram as do marido. 'Ndrja recusa-se a comprar um barco montado por uma mulher. Apesar de ele não reconhecer que uma mulher pode trabalhar a madeira, o texto representa a esposa do artesão em pleno exercício, ocupada, produzindo excelentes barcos.

Ciccina Circé e a mulher do fabricante de barcos são proposições que não têm êxito na ficção: uma é perseguida pelos insultos de 'Ndrja no fim do romance, enquanto a outra não convence os pescadores, apesar da qualidade de seu trabalho. Todavia, elas abrem um novo caminho no imaginário. A descrição dessas mulheres que trapaceiam para sobreviver e trabalham contrasta muito com a representação da aldeia tomada de torpor e inação. Para os habitantes do Estreito, o truque é uma característica feminina, degradante e mesquinha,

⁷⁸ *Horcynus Orca*, p. 1002.

⁷⁹ Todas as figuras de estrangeiros no romance (as prostitutas – *femminotte* –, Ciccina Circé e a americana) são apresentadas como perigosas predadoras sexuais em oposição às mulheres da aldeia.

⁸⁰ Ver a expressão "sceso di barca" utilizada como metáfora da alienação dos pescadores.

contrária à franqueza⁸¹. No entanto, o romance o reabilita na surdina como uma força inventiva e produtiva. Ele faz contraponto ao modelo hercúleo da força bruta, exaltado no regime facista e associado no romance às guerras e destruições⁸².

Essa oposição desloca os referenciais da antiga sociedade por marcar a emergência de um novo modelo político⁸³: o de uma comunidade que atribui àqueles que não tinham voz até então uma participação ativa e autônoma. É assim que termina *Horcynus Orca*, pela chegada à aldeia do barco seguinte, tão esperado, não conduzido por marinheiros experientes, mas por *sbarbarelli*, que não têm calos nas mãos⁸⁴.

Conclusão

Em *Blanche ou l'oubli*, *Horcynus Orca* e *Heimatmuseum*, a ficção é o lugar das hipóteses que são emitidas e verificadas pela ilustração, no desenrolar da narrativa. As diversas figuras que passam pela narração são soluções possíveis para a crise atravessada pelas comunidades. Entretanto, não resulta nem em um retorno ao antigo estado, nem em uma consagração de uma voz, mas na emergência entre e com as discordâncias, em novas modalidades de pertencimento a um novo tipo de comunidade. As três obras são, nesse sentido, épicas: a narração conduz à emancipação do leitor, levando no esquema de trabalho épico à criação de um novo espaço, o qual pode ser desenvolvido a fim de formar uma nova comunidade⁸⁵. Se o fracasso das proposições avançadas parece dominar os romances, elas abrem, entretanto, *de facto*, o que

⁸¹ “Vogliose, incapricciate del mascolone, gli facevano sentire il verso della loro vergogna emozionata, la coda girata per sotto, a sventolarsi il nicchiarello infocato. Si udiva quel pititiare, quella schifoseria di pernacchiette, si vedeva quel mare là come infeminito, schiene su schiene, tornotorno, che respiravano gonfie, occhi e occhi che fra le ciglia socchiuse spiavano verso il tubo schiumante dell’orcaferone.” *Horcynus Orca*, p. 670

“Ávidas, obceçadas pelo mastodonte, elas os faziam sentir o reverso de sua vergonha febril, a cauda virada para baixo, ventilando sua pequena quente cavidade. Ouvíamos seus chiados, essa tolice, víamos um pedaço do mar que era feminizado, elas de costas sobre costas, viradas e reviradas, respiravam todas enxadas, olhos e olhos que espíavam, entre seus cílios entreabertos, o orifício espumante da orca, esse grande animal”.

⁸² “E poi cadeva la bomba, senza la minima avvisaglia di aeroplani. [...] Un muccusello di sette anni di nome Nino, una muccusa di sedici anni di nome Ina, un'altra signorina di ventuno di nome Franchina, una madre di famiglia di trentanove anni di nome Marta e un padre di famiglia di nome Paolo Castorina, di punt'in bianco volavano per aria, senza colpa né peccato, volavano a mare ancora caldi caldi [...]” *Horcynus Orca*, p. 450

“E então caiu a bomba, sem o menor aviso dado pelos aviões [...] Um pequeno brincalhão de sete anos, chamado Nino, uma alegre moça de dezesseis anos de nome Ina, uma outra moça de vinte e um anos, de nome Franchina, uma mãe de família de trinta e nove anos, chamada Marta e um pai de família, chamado Paolo Castorina, voavam pelos ares, sem faltas ou pecados, eles voavam para dentro do mar ainda quentes [...]”

⁸³ Entendemos aqui política em sentido amplo: que concerne à *polis*, homens organizados em sociedade.

⁸⁴ “Li abbiamo, li abbiamo i calli” fecero i sbarbatelli.

“Li hanno, dicono loro” fece ‘Ndrja, provocatorio, però bonario provocatorio, rivoloto a Masino. „Capaci che non hanno nemmeno il foglio di pesca. Per qualcuno, anzi, ci scommetto, non solo che non l’ha, ma forse nemmeno non lo sa.” *Horcynus Orca*, p. 1037

“Nós os temos, nós os temos os calos” fizeram os bicos-brancos.

“Eles os têm, é o que eles dizem”, disse ‘Ndrja em tom provocador, mas provocador gentil, direcionando-se a Masino.

“Tão talentosos que eles não têm mesmo a cabeça fechada. Para alguns, eu aposto que eles não só não o têm, mas que provavelmente não sabem disso.”

⁸⁵ Vinclair, Pierre, *De l'épopée et du roman. op. cit.*

propusemos chamar de terceiro-espaço⁸⁶, um espaço *outro* que é criado na manutenção das dissonâncias e que as articula para inventar novos objetos, novos sistemas, em torno dos quais se possa pensar uma outra forma de comunidade.

Referências bibliográficas

Literatura primária

ARAGON, Louis. **Blanche ou l'oubli** [1967]. Paris: Gallimard, 2009.

D'ARRIGO, Stefano. **Horcynus Orca** [1975]. Milan: Rizzoli, 2003.

LENZ, Siegfried. **Heimatismuseum** [1978]. Munich: dtv Verlag, 2006.

Literatura secundária

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. Londres: Verso, 1983.

BARTHES, Roland. Texte (théorie du). In : **Encyclopédie Universalis, Encyclopædia Universalis** [en ligne], consulté le 8 juillet 2017. URL : <http://www.universalis.fr/encyclopedie/theorie-du-texte/>

BAUSINGER, Hermann. Auf dem Wege zu einem neuen, aktiven Heimatverständnis. Begriffsgeschichte als Problemgeschichte. In: WEHLING Hans-Georg (dir.). **Heimat heute**. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 1984.

BOUGNOUX, Daniel. L'avenir dans *Le Fou d'Elsa* de Louis Aragon. In : **France Culture** 06 septembre 2013, [en ligne], consultée en juillet 2017, <https://www.franceculture.fr/emissions/cultures-dislam/lavenir-dans-le-fou-delsa-de-louis-aragon>.

CAZALAS, Inès. **Contre-épopées généalogiques : fictions nationales et familiales dans les romans de Thomas Bernhard, Claude Simon, Juan Benet et António Lobo Antunes**. Thèse soutenue à Strasbourg en 2011 sous la direction de Pascal Dethurens.

DUBAR, Claude. **La socialisation: Construction des identités sociales et professionnelles** [2000]. Paris : Armand Colin, 2010.

GERRER, Jean-Luc. Langage autoritaire et résistance dans la littérature allemande consacrée aux Provinces de l'est allemandes. In : **Textes et Contextes**, Centre Interlangues, 2011, <halshs-00756502>.

Girard, René. **Le Bouc émissaire**. Paris : Grasset, 1982.

GOYET, Florence. L'épopée refondatrice : extension et déplacement du concept d'épopée. In : **Le Recueil Ouvert** [En ligne], mis à jour le : 05/10/2016, URL : [http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr:8080/revues/projet-epopee/index.php?/epopee/theories-generales-de-l-epopee/au-fil-de-l-eau-articles-sur-l-epique//revues/epopee//revues/projet-epopee//revues/projet-epopee//revues/projet-epopee/165-le-travail-epique-definition-de-l-epopee-refondatrice](http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr:8080/revues/projet-epopee/index.php?/epopee/theories-generales-de-l-epopee/au-fil-de-l-eau-articles-sur-l-epique//revues/epopee//revues/projet-epopee//revues/projet-epopee//revues/projet-epopee//revues/projet-epopee/165-le-travail-epique-definition-de-l-epopee-refondatrice).

⁸⁶ Pegamos emprestado o termo da geografia e da sociologia urbana; ver especialmente Vanier, Martin, "Qu'est-ce que le tiers espace? Territorialités complexes et construction politique", *Revue de géographie alpine*, vol. 88, n° 1, Année 2000, p. 105-113; et LE GALL, Julie et ROUGE, Lionel, „Oser les entre-deux!”. In : *Carnets de géographes*, n° 7, 2014.

- GOYET, Florence. **Penser sans concepts. Fonctions de l'épopée guerrière – Iliade, Chanson de Roland et Heiji Monogatari.** Paris : Champollion, 2006.
- HUMBOLDT (von) Wilhelm. **Sur le caractère national des langues et autres écrits sur le langage [1820-1830].** Thouard, Denis (trad.). Paris : Seuil, 2000.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. "Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues" [1836]. In : PHILONENKO, Alexis. **Humboldt. À l'aube de la linguistique.** Paris : Les Belles Lettres, 2006.
- KLEMPERER, Victor. **Lingua Tertii Imperii: Notizbuch eines Philologen [1947].** Leipzig : Reclam, 1998
- LATTARD, Alain. **Histoire de la société allemande au XX^e siècle.** t. 2, *la RFA 1949-1989.* Paris : PUF, 2011
- LE GALL, Julie et ROUGE, Lionel. Oser les entre-deux !. In : **Carnets de géographes**, n° 7, 2014.
- LULL, James. Superkultur. In : HEPP, Andreas und LÖFFELHOLZ, Martin (éd.). **Grundlagentexte zur transkulturellen Kommunikation.** Konstanz : UVK Verlagsgesellschaft mbH, 2002.
- MERCHIERS, Dorle. **Le Réalisme de Siegfried Lenz.** Bern-Berlin-Bruxelles-... : Peter Lang, 2001.
- OSTENC, Michel. L'éducation en Italie pendant le fascisme. Bilan et perspectives de recherches. In : **Histoire de l'éducation**, Persée, n° 30, 1986, p. 13-27.
- PHILONENKO, Alexis. **Humboldt. À l'aube de la linguistique.** Paris : Les Belles Lettres, 2006.
- SCHMITT, Evelyne. Les mues de Zygmunt Rogalla : les mues de la Mazurie à travers les personnages féminins de *Heimatmuseum*. In : **Orbis Letterarum**, 1997.
- STANO, Giovanni. **Dizionario di miti, leggende, costumi greco-romani [1925].** Turin: SEI Editrice, 1950.
- VANIER, Martin. Qu'est-ce que le tiers espace ? Territorialités complexes et construction politique. In : **Revue de géographie alpine**, vol. 88, n° 1, Année 2000, p. 105-113.
- VASSEVIÈRE, Maryse. **Aragon romancier intertextuel ou les pas de l'étranger.** Paris : L'Harmattan, 1998.
- VINCLAIR, Pierre. **De l'épopée et du roman : Essai d'énergétique comparée.** Rennes : Presses Universitaires, 2015.